

Moçambique precisa de «solução coerciva» de paz

— conclui uma comissão de trabalhos de um instituto sul-africano

Uma comissão de trabalhos organizada pelo Instituto sul-africano para os Assuntos Internacionais concluiu que Moçambique precisa de uma «solução coerciva» de paz em que a África do Sul possa surgir como agente principal.

O consenso dos participantes, incluindo diplomatas, analistas políticos e responsáveis de organizações como o ANC, apontou para o facto de que a Renamo tem poucos incentivos para parar a guerra, sendo improvável que vença as eleições.

«Demasiadas pessoas sofreram as depredações da Renamo, a Frelimo introduziu (entretanto) muitas das reformas que os rebeldes tinham originalmente reclamado e estes não estão em perigo de derrota pelo Exército governamental», referiu Mike Mano, observador do encontro.

Renamo assassina nove civis em Chókwè

Nove civis foram mortos quando os rebeldes da Renamo atacaram no sábado uma localidade do distrito agrícola de Chókwè, no sul de Moçambique.

Durante a incursão, quatro outros civis foram feridos. A Renamo incendiou, no mesmo ataque, 34 palhotas dos camponeses e saqueou bens em 74 outras habitações, para além de ter roubado 14 cabeças de gado bovino.

A Rádio Moçambique, citada pela AIM, acrescenta que um camião e um tractor foram igualmente incendiados no mesmo ataque.

A Renamo tem intensificado as suas acções contra as vilas e aldeias situadas na província de Gaza. No sábado, o exército moçambicano frustrou uma tentativa de assalto à sede distrital da Macia, tendo na altura sido mortos 21 rebeldes da Renamo.

Na sua retirada, a Renamo assassinou 21 civis e feriu outros 49.

Foram igualmente noticiadas incursões contra a vila-sede do distrito de Manjacaze. — (AIM)

Face a este quadro, o especialista de relações internacionais da Universidade de Witwatersrand, Chris Alden, advogou ser improvável a obtenção de um acordo que acomode os interesses das duas partes, sendo preferível «uma solução coerciva».

Neste contexto, face ao reduzido interesse internacional em Moçambique, a África do Sul surge potencialmente como o principal agente, defendeu.

Os participantes ao encontro dedicado ao conflito em Moçambique reconheceram unanimemente a existência de um campo limitado para doses de optimismo quanto a uma breve resolução da guerra que flagela Moçambique.

Foi depois atribuído a terceiras partes, entre elas a África do Sul, um papel importante a desempenhar neste âmbito, apesar dos conferencistas divergirem quanto ao tipo de estratégia a seguir.

O representante do Departamento de Relações Internacionais, Les Labuschagne, defendeu uma política de estímulo e o princípio de que a Renamo estaria mais encorajada na mesa de negociações se fosse levada a sério pelo Ocidente.

Em desacordo sobre esta análise manifestou-se um professor universitário de Durban, Jeremy Greest, para quem a solução deverá ser de «interdição activa», sendo necessário, além do termo do apoio oficial sul-africano à Renamo, a introdução de medidas para evitar apoios de outros quadrantes.

A mudança na natureza dos apoios aos rebeldes moçambicanos fez convergir as intervenções dos participantes, denunciando a manutenção de contributos por parte de grupos de extrema-direita nos EUA e na Alemanha, do Governo queniano e de particulares em Portugal e na África do Sul.

O representante do ANC, Tembata, sugeriu que o Governo sul-africano tem uma posição privilegiada para influenciar o movimento que lançou (Renamo), mas Labuschagne argumentou que a Renamo se tem recusado a dialogar em Roma com a delegação de Pretória. — (AIM)